

## Dois pontos de vista no cinema: o ontológico e o ético

Humberto Pereira da Silva<sup>1</sup>

Doutor em Filosofia da Educação, crítico de cinema e professor de filosofia na Fundação Armando Alvares Penteado (FAAP)

O cinema desde sua origem instiga questões, debates, esboços teóricos que jogam com sua especificidade como expressão artística. Esses debates, discussões, se alimentam de fontes variadas: o nexos com outras formas de arte, a indústria cultural, a semiótica, a psicanálise, ou a ontologia da imagem.

Mas o tempo do debate no cinema se confronta com o de novas tecnologias de produção de imagens. De modo que a teorização sobre cinema se defronta com um paradoxo: ao mesmo tempo urgente, pois se refere a uma expressão artística que reflete o mundo vivido, e sob o risco de rapidamente se tornar ultrapassada, arqueológica.

Esta a situação do livro “Pensar o cinema: imagem, ética e filosofia”, organizado pelo pesquisador argentino Gerardo Yoel, e que resultou de um seminário realizado na Universidade de Buenos Aires em 2003. Como refletido no título, o propósito de pensar o cinema quando este articula o sentido da imagem a questões ontológicas e éticas.

Trata-se de um livro de difícil leitura por duas razões principais: os expositores do evento que serviu de base para a obra questionam as proposições que enformam o paradigma estruturalista, hegemônico entre os franceses nas décadas de 1960 e 1970; a filmografia referenciada dificilmente foi vista por grande parte de seus potenciais leitores.

<sup>1</sup> umba.hum@gmail.com



Assim, “Pensar o cinema” é um livro que concomitantemente assusta e desafia. Assusta e desafia porque o leitor precisa mobilizar todo um repertório conceitual para situar devidamente o lugar das falas de seus autores. É o que se mostra com todos os efeitos possíveis o ensaio de abertura, de Alain Badiou, ao tratar o cinema como “situação filosófica”.

Ora, sustenta Badiou, a filosofia pensa por meio de conceitos, da articulação destes em nível abstrato; já o cinema pensa por meio de imagens, da junção destas por meio da montagem. À medida que se oferece como forma de pensamento, portanto de operar a partir de rupturas, escolhas, distanciamentos e eventualidades, tanto quanto a filosofia o cinema se caracteriza pela invenção de novas sínteses.

Para sustentar esta tese, Badiou traz à tona a inevitável comparação com outras formas de expressão artística: a literatura, a pintura etc. Mas, principalmente, ele dialoga com Gilles Deleuze e suas concepções de imagem-movimento e imagem-tempo, e com a maneira pela qual Henry Bérgson aborda os conceitos de matéria e tempo.

No ensaio de Badiou, então, algo como a espinha dorsal do livro no que diz respeito a questões ontológicas que norteiam debates, discussões, sobre a especificidade da imagem cinematográfica. Sob esse aspecto, ainda que menos densa que a inflexão de Badiou, é igualmente importante o exame que Eduardo Russo faz de Vilém Flusser, que elabora uma teoria da fotografia e dos aparatos audiovisuais a partir da relação entre o programado e o não programado nas imagens da indústria cultural.

Na primeira parte do livro, Badiou dá a senha para o tratamento da ontologia da imagem cinematográfica. Com isso, ele põe em xeque o paradigma estruturalista que tem em Christian Metz a grande referência. Na segunda parte do livro, por sua vez, Jean-Louis Comolli e Gustavo Aprea põem em cena as espinhosas questões da ética das imagens.

Para ambos, a questão central que diz respeito à ética das imagens cinematográficas envolve a representação do real. Comolli a aborda da perspectiva do cinema militante. Para ele, no cinema militante o que está em pauta é a instrumentalização, portanto o

quanto a propaganda de uma causa efetivamente gera os efeitos esperados; ou seja, o convencimento pela força das imagens.

Aprea, por sua vez, discute o problema da memória visual do genocídio. Ele mapeia o terreno das polêmicas acirradas sobre as tentativas de representação do genocídio no cinema tendo por contraponto os filmes *A lista de Schindler* (Schindler's list, Steve Spielberg, 1993) e *Shoah* (Claude Lanzmann, 1983). No confronto, do ponto de vista ético *Shoah* é mais repulsivo, difícil de absorver, e nisso seu maior mérito: nele, a ideia de extermínio massivo como trama política em que os indivíduos são meros instrumentos.

Difícil e desafiador, "Pensar o cinema" propicia leitura urgente para a reflexão sobre a especificidade das imagens cinematográficas e sobre escolhas para representação do real que constroem uma nova realidade. Casos de imagens militantes e de genocídio. Mas "Pensar o cinema", apenas tangencia um debate que se renova com a profusão de imagens em diferentes plataformas. Como pensar a imagem em um smartphone ou um tablet?

Por caminho curioso e irônico, Quentin Tarantino dá indícios de resposta em sua decisão de realizar *Os Oito Odiados* (The Hateful Eight, 2015) seu filme mais recente, para ser exibido na bitola 70mm, quase extinta no mundo.

#### **Pensar o cinema - imagem, ética e filosofia**

**Gerardo Yoel (org.)**

**Editora CosacNaify, 2015**